

# Open Brazil

O Brasil encontra-se enredado numa armadilha tão sofisticada quanto deliberada. A recente alta do dólar, que pesa sobre o custo de vida, deteriora o ambiente de negócios e sufoca a, já capenga, competitividade das empresas nacionais. Não trata-se apenas de um acidente de percurso ou incompetência crônica. Tudo isso é parte de uma agenda maior, um movimento cuidadosamente orquestrado para colocar o Brasil de joelhos.

Sob o governo de Lula essa dinâmica se revela com nitidez: estamos a caminho da falência. O PT, que outrora se apresentava como representante dos trabalhadores e resistência ao neoliberalismo, assume agora o papel de executor das ordens dos grandes cartéis financeiros internacionais e faz isso com a astúcia de quem sabe disfarçar a servidão como se fosse um ato de soberania. O que se vende ao povo brasileiro como integração global, alinhamento estratégico e protagonismo diplomático é, na verdade, uma rendição disfarçada, um convite para que entreguemos, de bandeja, nossos recursos, nossa independência econômica e, por tabela, nossa dignidade e cidadania.

Com empresas privadas endividadadas até o pescoço (somando 8 trilhões de dólares apenas em 2024) e com o sistema financeiro global operando como um cartel de usura, o Brasil torna-se o quintal perfeito para um processo de transferência de riqueza e exportação de matérias primas. Enquanto o crédito no Brasil alcança patamares de juros surreais de 430% ao ano, estrangulando famílias e pequenos empresários, os grandes conglomerados financeiros preparam-se para tomar o que resta. Aqui, a crise não é um efeito; é o objetivo.

E o dólar alto? Esse, longe de ser um problema, é uma ferramenta, um meio. Quanto mais desvalorizado o real, mais baratos se tornam os ativos nacionais. Terras, empresas, recursos naturais: tudo isso passa a ser negociado como quinquilharia em liquidação. Quem se beneficia? Não é o trabalhador brasileiro, nem o pequeno empresário. É o investidor estrangeiro, aquele mesmo que chega com capital barato e apoio de estruturas legislativas moldadas para proteger seus interesses.

Se você acha que há algum tipo de resistência organizada, nosso legislativo faz questão de evidenciar o contrário. A reforma da Lei de Falências, por exemplo, que amplia os poderes dos credores, entrega as empresas nacionais. Eis o cenário: crise cambial, fragilidade das empresas e aquisições agressivas da *Blackrock* (que está nas mãos de investidores externos).

- As crises econômicas brasileiras não são acidentais ou fruto de incompetência, mas sim etapas de uma agenda política.
- Os juros do cartão de crédito alcançaram absurdos 430% ao ano, forçando as famílias a se endividarem apenas para custear sua sobrevivência.
- A agenda que os globalistas arquitetaram para o Brasil, visa transformar nosso país em uma sociedade aberta, onde o capital é soberano e tudo está à venda.



Pra piorar, a adaptação do Brasil às diretrizes da OCDE - esse bastião de interesses das grandes economias - é uma rendição inquestionável à ordem globalista, e transforma o Brasil em laboratório da sociedade aberta. Cada ajuste, cada reforma, não é apenas uma mudança técnica, mas um passo deliberado em direção à entrega total.

Acrescente-se o terrorismo ambientalista que, sob o pretexto de salvar o planeta, impõe ao Brasil barreiras que tornam impossível o desenvolvimento nacional.

O objetivo final é ter o país reduzido ao papel de fornecedor de matéria-prima barata, como nos tempos do extrativismo colonial. Tudo isso acontece sob a cumplicidade de um governo que se apresenta como defensor do povo. As políticas do PT, longe de protegerem os interesses nacionais, abrem as portas para a pilhagem. A lógica é perversa: enquanto o país sangra e queima, a elite política se beneficia, seja com ganhos pessoais, seja com a garantia de se manter em um lugar confortável na estrutura de poder globalista.

O sonho molhado de Bill Gates e outros oligarcas que trabalham pela implementação do projeto de sociedade aberta é alimentar o povo com carne sintética ou de plantas - de preferência importada dos EUA -, enquanto o Brasil produz em seu território o gado que será exportado para alimentar as elites.

Imagine a perfeição (para eles, claro): o povão sendo obrigado a comer a ração fornecida por Gates, enquanto este usa de seus lucros para comprar a carne produzida aqui. Nós pagaríamos para comer carne de mentira, enquanto Gates usaria o lucro pago por nós para comer a carne bovina produzida aqui.

A agenda que os globalistas arquitetaram, visa transformar nosso país em uma sociedade aberta, onde o capital é soberano e tudo está à disposição dos grandes capitalistas. Tudo está à venda.

Caso não seja construído um projeto de desenvolvimento nacional, estaremos à mercê dessa realidade. Esse é o plano deles para o Brasil, um "open Brazil", um país prototipo das sociedades abertas idealizadas pelos globalistas.

